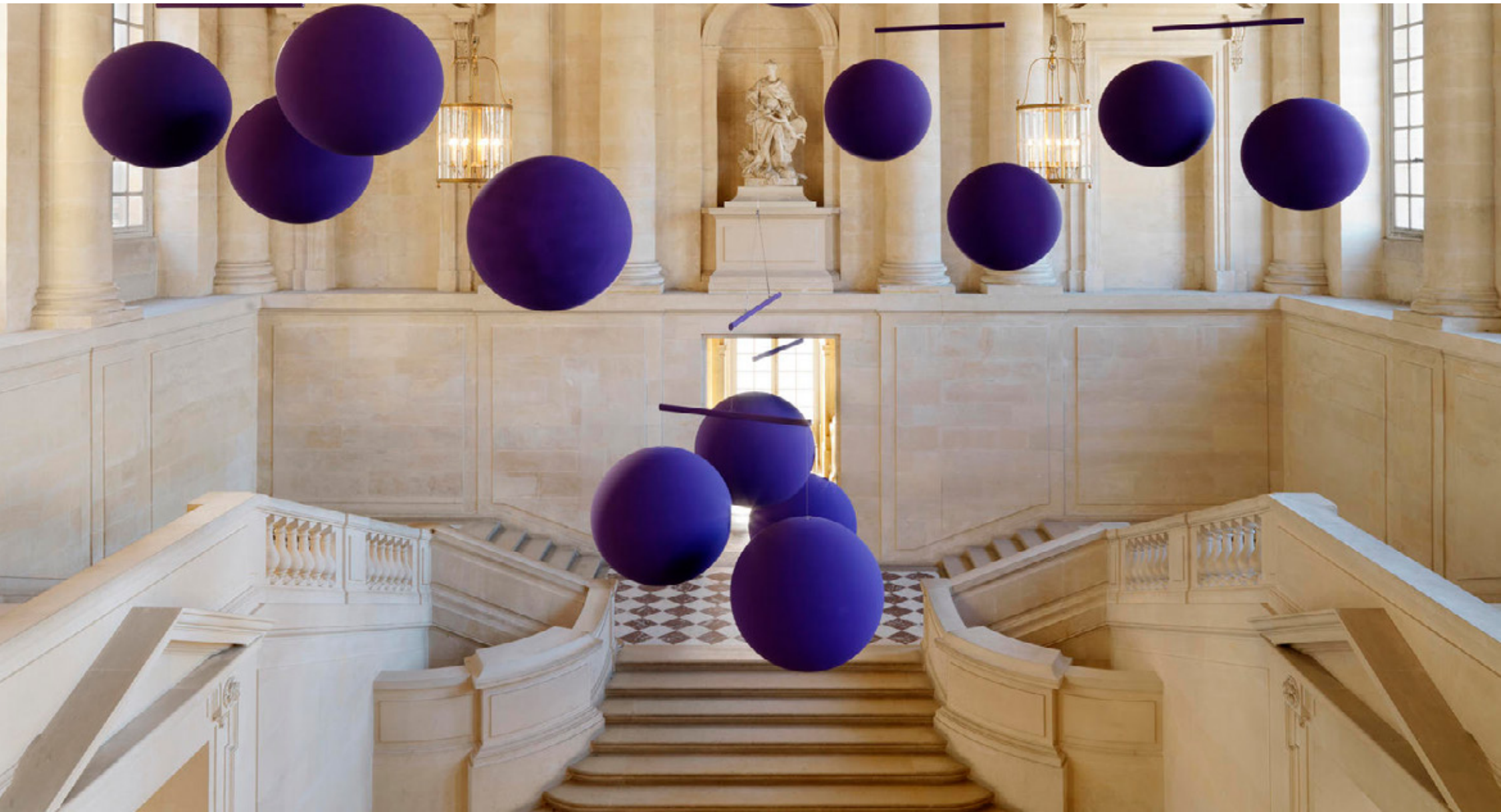


nara roesler

xavier veilhan



xavier veilhan

n. 1963, Lyon, França

vive e trabalha em Paris, França

Desde meados dos anos 1980, Xavier Veilhan cria um aclamado conjunto de trabalhos que transita entre escultura, pintura, instalação, performance, vídeo e fotografia. Sua prática se define pelo interesse tanto pelo vocabulário da modernidade (velocidade, movimento, vida urbana etc.) quanto pela estatutária clássica, à qual ele agregou sua própria reinterpretação contemporânea. Seu trabalho é uma homenagem às invenções e aos inventores de nosso tempo por meio de uma linguagem artística que mistura os códigos da indústria e da arte. Veilhan agencia uma variedade de técnicas e materiais para produzir retratos tridimensionais e paisagens, bestiários e arquiteturas que oscilam entre o familiar e o extraordinário.

Para o artista, arte é “uma ferramenta visual através da qual devemos olhar para entender nosso passado, presente e futuro”. Suas exposições e intervenções *in situ* em cidades, jardins e casas questionam nossa percepção ao criar um envolvente espaço ambulatorio no qual a plateia se transforma em participante ativo. Sua estética revela um contínuo de forma, contorno, fixação e dinâmica que convida o espectador a uma nova leitura do espaço e, assim, da criação de um repertório completo de sinais, o teatro da sociedade.

capa Mobile (Versailles), 2009
fibra de vidro, resina de poliéster,
aço inoxidável, tinta poliuretano, motor
940 x 878 x 878 cm
Collection Fondation Louis Vuitton, Paris, França
foto © Florian Kleinfenn

[clique aqui para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

Romy and the Dogs, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2019)

Nuit Studio Venezia, Musée de la Musique, Cité de la Musique, Paris, França (2018)

Xavier Veilhan, Yuksek, Caterina Barbieri & Carlo Maria, Le Comte, Jonathan Fitoussi – Cine-concert, Le Lieu Unique, Nantes, França (2018) *Reshaped Reality: 50 years of Hyperrealist Sculpture*, Museo de Bellas Artes de Bilbao, Bilbao, Espanha (2016)

Cedar, Andrehn-Schiptjenko, Estocolmo, Suécia (2015)

exposições coletivas selecionadas

Rêve Électro, Musée de la Musique, Cité de la Musique, Paris, França (2019)

Calling for a New Renaissance, Joakim & Xavier Veilhan, Villa Aperta 8, Villa Medici (2018), Roma, Itália

Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918–2018, Olivier Malingue, Londres, Reino Unido; Palais d'Iéna, Paris, França (2018)

Botticelli Reimagined, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016) 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)

coleções selecionadas

Centre Georges Pompidou, Paris, França

Fondation Ilju, Seul, Coreia do Sul

Israel Museum, Jerusalem, Israel

New National Museum of Qatar, Doha, Qatar

4	esculturas
17	móviles e stables
28	rays
35	architectones e studio venezia
45	desenhos e monotipias
50	modelos e maquetes
52	filmes e performances

escultura

A produção escultórica de Veilhan tem firmes raízes na prática do retrato. Nesse sentido, destacam-se tanto as figuras de personalidades famosas, como Brian Eno, Quincy Jones e Rick Rubin, produtores musicais retratados na série *Producers*, ou ainda de arquitetos como Le Corbusier e Richard Neutra para o projeto *Architectones*, quanto as figuras próximas do artista, amigos íntimos, assistentes do atelier, conferindo uma dimensão afetiva ao trabalho. Esta, por sua vez, é reforçada pela estratégia de Veilhan de dar como título do trabalho apenas o primeiro nome do indivíduo que lhe serve de modelo. *Tony*, *Marc*, *Yi* e *Romy* são, então, algumas das figuras moldadas pelo artista.

Brian Eno, 2015
madeira, lã, isopor
140 x 190 x 110 cm
foto © Claire Dorn

→
The Audience, 2021
alumínio, aço inoxidável e tinta
223 x 545 x 270 cm
Comissionado pela
Olympic Foundation
for Culture and Heritage para
as Olimpíadas de Tóquio,
Japão, em 2021
foto © Yuichi Yamazaki







O processo de realização dessas figuras incorpora métodos e materiais tradicionais aliadas à tecnologia atual. Veilhan escaneia os corpos dos retratados, para manipular a imagem antes de sua realização final. Ainda que a ferramenta digital possibilite a confecção de uma escultura idêntica ao modelo, Veilhan, opera, quase sempre, não no sentido da representação fiel, mas inserindo elementos de uma linguagem artificial, seja pela geometrização da forma, em *Lyllie* (2016) e *Florian* (2016); pelas distorções – glitch – presentes em *Marc* (2016), ou pelo efeito pixelado de *Le Skateur* (2014). Desse modo, o artista faz convergir tradições e mídias distintas, ou, como observou a crítica de arte Ingrid Luquet-Gad:

Marc, 2015
ébano, maçaranduba
figura 40 x 13 x 9,5 cm
base: 140 x 30 x 20 cm

→
The Skater, 2014
alumínio e tinta de poliuretano
510 x 825 x 567 cm
foto © Amorepacific



“Desde o fim dos anos oitenta, a obra do Xavier Veilhan oscila entre classicismo formal e alta tecnologia, confrontando a herança modernista com o contexto contemporâneo. Por meio de um registro de formas ele busca manter a tensão assintótica entre abstração e figuração; de um estado de espírito, a energia, aquela própria às épocas de transição tecnológica. Através de uma grande variedade de registros e meios, certos temas recorrentes, a velocidade, o movimento ou o progresso técnico, são declinados através de uma sintaxe formal moldável: os móveis, os raios, as litografias ou as esculturas lapidadas feitas com scanners 3D.”

Molière [escultura permanente], 2022
Versailles, França
foto © Ville de Versailles, Perrick Daul, Veilhan, ADAGP Paris, 2022

→
Romy et les chiens, 2019
alumínio preechido com resina de poliuretano, madeira, tinta acrílica
dimensões variáveis
foto © Bruno Lopes







←

The Carriage, 2009
aço, tinta acrílica, verniz poliuretano
280 x 1500 x 180 cm
Coleção Centre National des Arts
Plastiques, Paris, França
vista da exposição
Veilhan Versailles, 2009
Palácio de Versailles,
Versailles, França

Lyllie, 2018
madeira, MDF e carbono
123 x 60 x 39 cm
foto © Claire Dorn



Ressalta-se a variedade dos materiais empregados nas esculturas, entre os quais destacam-se o alumínio, a prata, o carbono, o concreto mineral, a resina, a faia, a madeira, o compensado, etc. Veilhan articula esses elementos para criar diferentes relações espaciais que impactam diretamente no observador. A base da escultura, inclusive, tal como no legado moderno, é incorporada na mesma. Ou seja, sua materialidade e forma, assim como suas dimensões, contribuem para a apreciação da peça. Veilhan, inclusive, pesquisa e emprega materiais característicos de um lugar para criar suas esculturas, tal como fez, em sua primeira individual, *Horizonte verde* (2015), na Nara Roesler, em São Paulo, quando utilizou madeiras típicas do Brasil, como a maçaranduba, o pequi, o cumarú rosa e aimbuia na confecção das bases de suas figuras.



vista da exposição
Horizonte Verde, 2015
Nara Roesler, São Paulo,
Brasil

→
vista da exposição
Horizonte Verde, 2015
Nara Roesler, São Paulo,
Brasil





Em *Plus que pierre* (2019), individual de Veilhan no collégiale Saint-Martin, o artista empregou bases e pedestais de diferentes dimensões para alterar a topografia do espaço, pontuando-o com algumas de suas esculturas. Segundo o artista: “O desafio, para mim, era atuar em continuidade com o espaço, atuando diretamente nele, sem me contentar em apenas colocar objetos ali. Eu queria que as estátuas e os pedestais existentes fossem o ponto de partida para o meu trabalho”

vista da exposição
Plus que Pierre, 2019
Collégiale Saint-Martin,
Angers, França
foto © Fanny Trichet

→
vista da exposição
Plus que Pierre, 2019
Collégiale Saint-Martin,
Angers, França
foto © Fanny Trichet



A exposição é reveladora do modo como Veilhan opera na criação de situações físicas, construindo formas de presença que impactam na percepção do espaço pelo público. O artista afirma que “a busca pela verdade é o que dirige minha prática de retratos escultóricos, mas não se trata de uma verdade moral: eu procuro capturar a presença de um corpo no espaço em determinado momento. Os modelos são posicionados para proclamar a própria realidade.” As figuras de Veilhan, além de afirmar a realidade dos indivíduos que retratam, afirmam sua própria realidade como objetos capazes de criar relações espaciais entre si e o público.

vista da exposição
Plus que Pierre, 2019
Collégiale Saint-Martin,
Angers, França
foto © Fanny Trichet





móviles e stables

O móbil possui papel central na prática de Veilhan, que o aborda como “um gênero assim como o retrato ou a paisagem”.

Ao longo de sua carreira, o artista desenvolveu grandes estruturas suspensas para ocupar museus e galerias, como no Museu do Louvre (2021), no Grand Palais (2013), e no castelo de Versailles (2009), na França, no Aeroporto Internacional de Seul (2017), na Coreia do Sul, e na Hatfield House (2012), na Inglaterra, entre muitos outros.

Apesar de terem adentrado o terreno da arte com Alexander Calder, os móveis, lembra Veilhan, tem uma história muito anterior, sendo objetos que interagem com o ambiente no qual estão inseridos. “No meu cotidiano eu faço objetos de forma bastante repetitiva, como os móveis, que são objetos que interagem com o contexto: na forma como abarcam o ar, a luz e o modo como revelam um espaço. No entanto, a maneira como reitero as coisas é um pouco planetária, pois dou voltas ao redor das coisas, mudando de órbita. Portanto, é praticamente sempre a mesma coisa, mas de um outro ângulo”, revela Veilhan.

The Grand Mobile, 2013
alumínio, inox, fibra de vidro, resina de poliuretano, tinta poliuretano, motor
1550 x 640 x 640 cm
vista da exposição
Dynamo – A century of light and motion in art, 1913–2013, 2013
Grand Palais, Paris, França
foto © Guillaume Ziccarelli

Le Mobile n°4, 2017
Carbono, aço inoxidável,
resina de poliuretano,
tinta de poliuretano,
cortiça, poliamida
270 x 180 cm





Mobile (Hatfield), 2012
resina, carbono, plástico, aço,
alumínio, polipropileno, tinta
poliuretano, tinta epóxi
435 cm x 375 x 375 cm
vista da exposição
Veilhan at Hatfield: Promenade, 2012
Hatfield House, Hatfield, Inglaterra
foto © Stephen Ambrose

Podemos entender os móveis também como metáfora da prática do artista, com seus núcleos de interesse – escultura, performance, música, arquitetura – que são articulados em uma estrutura que se encontra em constante dinâmica, transformando a relação entre esses elementos de modo a renovar possibilidades de criação. Os próprios móveis de Veilhan são, enquanto conjunto, manifestações das infinitas possibilidades formais e materiais. Há os móveis com bases de finas hastes de carbono, como o *Mobile N° 19* (2015); os com bases de madeira robusta, *Mobile N° 22* (2015); móveis pendurados, como o *Mobile N° 28* (2015); e na parede, como o *Mobile N° 5* (2021); de grandes ou pequenas dimensões, como *Mobile N° 8* (2016); profusos, *Mobile N° 1* (2019), ou econômicos, *Mobile N° 18* (2016).

Mobile n° 22, 2015
madeira faia, cortiça,
linho, tinta acrílica
132 x 105 x 105 cm

→
Mobile n° 28, 2015
aço inox, faia, vectran,
tinta acrílica
160 x 209 x 209 cm







Mobile n°6, 2016
Polipropileno e carbono
220 x 160 x 160 cm
foto © Claire Dorn

→
Mobile n° 24, 2015
carbono, resina de poliuretano,
MDF, polipropileno, tinta acrílica
e verniz acrílico
400 x 300 x 300 cm
vista da exposição
Horizonte Verde, 2015
Nara Roesler, São Paulo, Brasil





Mobile n°18, 2016
carbono, madeira de álamo,
aço inox, alumínio, resina
de poliuretano, cortiça
e tinta de poliuretano
157 x 133 x 66 cm



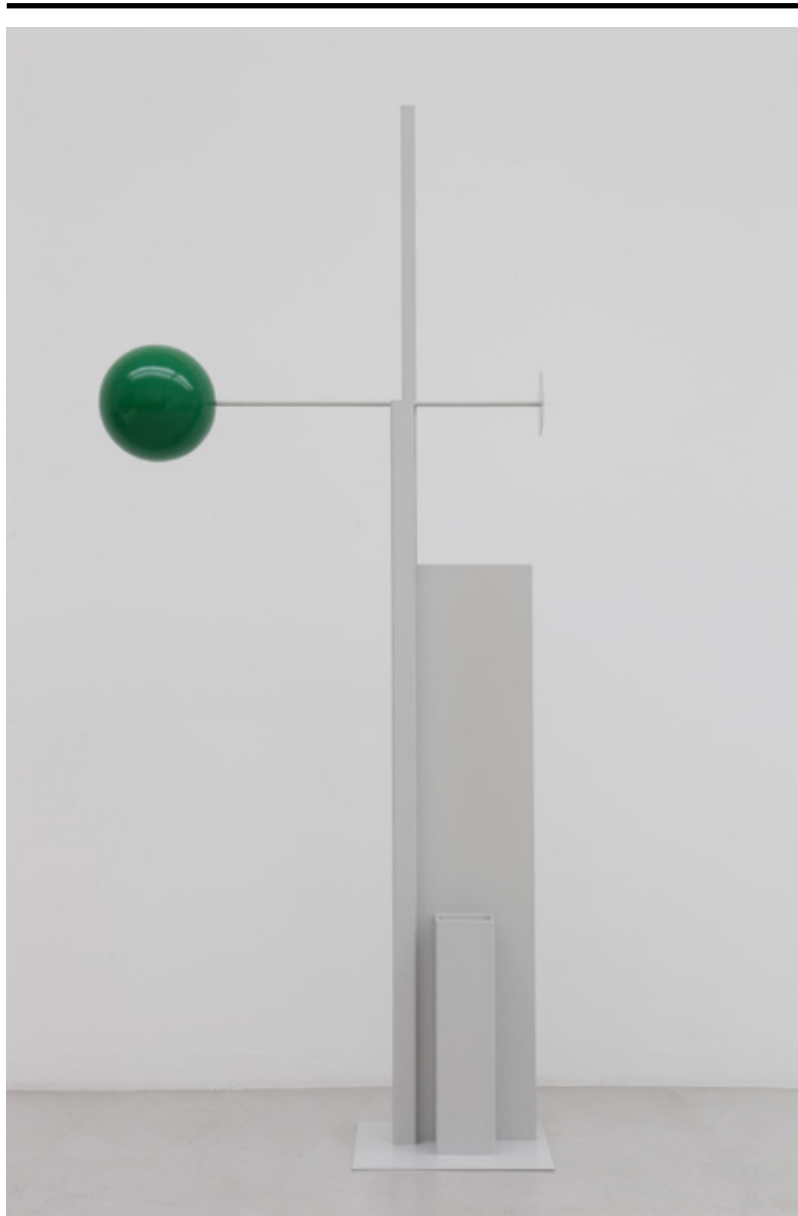
“O móbile é uma das poucas coisas que podem ser feitas em grande escala sem ficar opressivo. Eu sempre gosto de brincar: É impossível fazer um móbile fascista. Gosto da ideia de interação deles com o ambiente: você pode definir a estrutura do objeto, mas ele se transforma. Eles têm vida! Todo objeto de arte pertence a um contexto (parte dele é controlada pelo artista e a outra parte depende do que acontece no entorno), mas no caso dos móveis a interação é física”, afirma Xavier Veilhan, que vê no móbile um elemento visual que atua na construção atmosférica de do espaço expositivo.

Stabile, por sua vez, é uma série de trabalhos que faz contraposição aos móveis, ainda que se aproxime dos mesmos pela utilização de uma gramática visual geométrica e pela materialidade. Contudo, a principal diferença é, como revela o próprio nome das peças, sua estabilidade. Essas esculturas, de bases fixas, não movimentam-se no espaço, ainda que modifiquem a percepção do mesmo ao introduzir diferentes ritmos visuais.

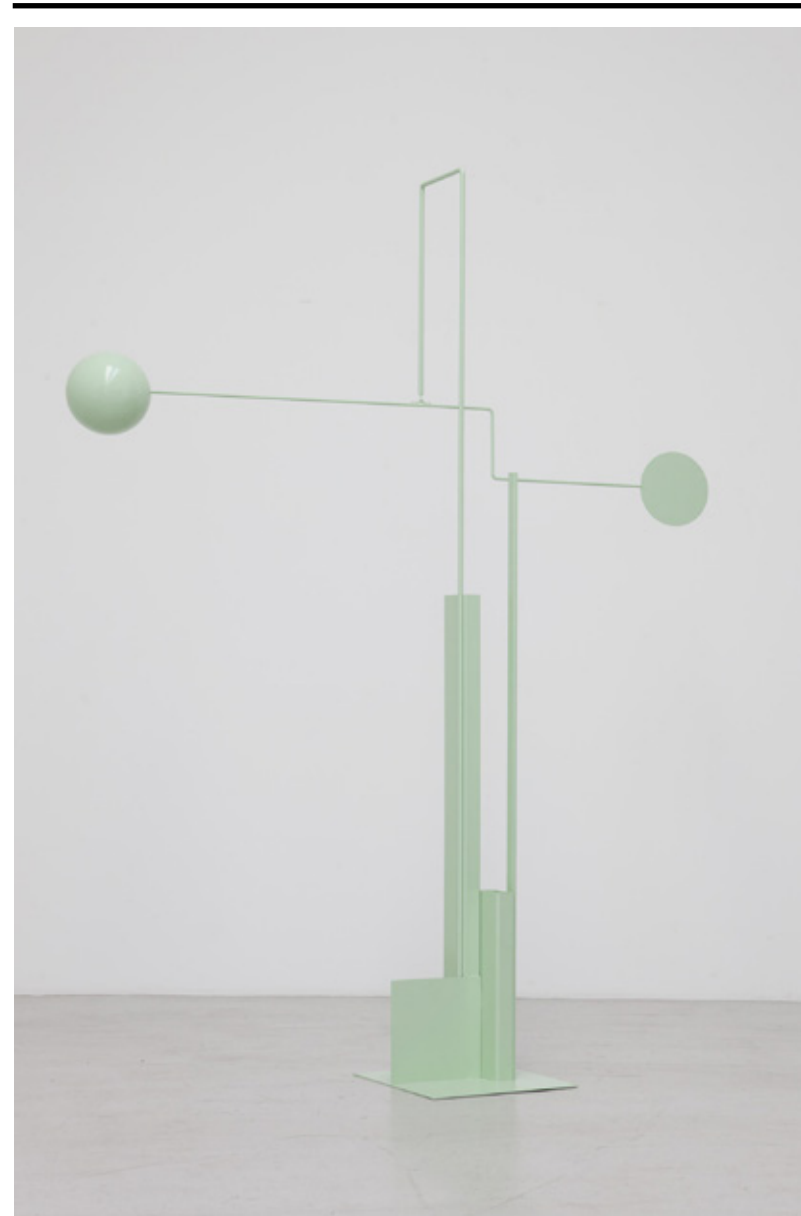
Stabile n°14, 2011
aço inoxidável, tinta
epóxi, tinta poliuretano
240 x 60 x 55 cm
foto © Florian Kleinfenn

Stabile n°1, 2015
madeira e carbono
262 x 85 x 75 cm
foto © Claire Dorn, Galerie Perrotin





Stabile n°4, 2010
aço, aço inoxidável,
tinta epóxi
220 x 40 x 40 cm



Stabile n°2, 2010
aço, aço inoxidável,
tinta epóxi
220 x 40 x 170 cm

rays

Em 2014, convidado a participar de *Made by... feito por brasileiros*, exposição coletiva com artistas de 21 países na Cidade Matarazzo, Xavier Veilhan realizou dois trabalhos, um móbile, colocado sobre uma das escadas do edifício, e *Rays (Matarazzo)*, que integra a série de intervenções feitas pelo artista com cabos de borracha, poliéster e aço inox. Os raios de Veilhan organizam-se, quase sempre de modo excêntrico, partindo de um mesmo ponto fixo. Esse efeito, constrói perspectivas lineares no espaço tridimensional, alterando o modo como o percebemos, sensação que se renova a cada instante em que tomamos uma nova posição, aproximando-nos ou distanciando-nos em relação a ele.

Rays (Cidade Matarazzo), 2014

borracha e aço

730 x 365 x 500 cm

vista da exposição

Made by... Feito Por Brasileiros, 2014

Cidade Matarazzo, São Paulo, Brasil

foto © Ding Musa

→

Rays (Cidade Matarazzo), 2014

borracha e aço

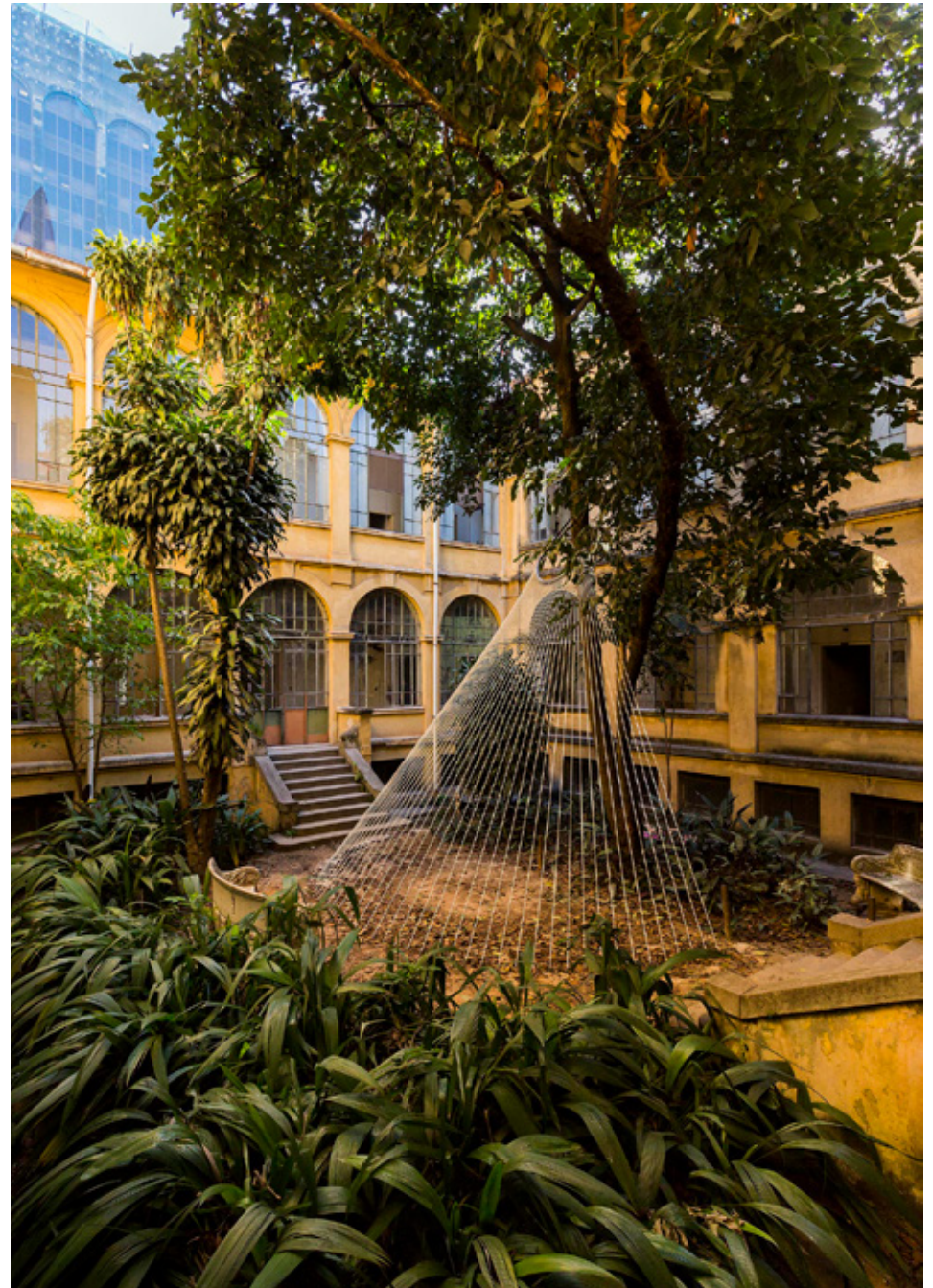
730 x 365 x 500 cm

vista da exposição

Made by... Feito Por Brasileiros, 2014

Cidade Matarazzo, São Paulo, Brasil

foto © Ding Musa







Na ocasião, o artista afirmou: “Eu gosto de desenhar linhas no espaço, tento fazer isso mais para revelar o ambiente do que simplesmente instalar uma obra.” A função dessa intervenção *site specific*, então, é a de dar protagonismo ao lugar onde está inserida, de modo a transformar o modo como usualmente o percebemos e nos relacionamos com ele. Outros exemplos de *Rays*, *Hatfield* (2012), *Sheats* (2013) e *Pilane* (2014), comprovam a versatilidade da série, cujos princípios podem ser aplicados diretamente na paisagem, ou na arquitetura.

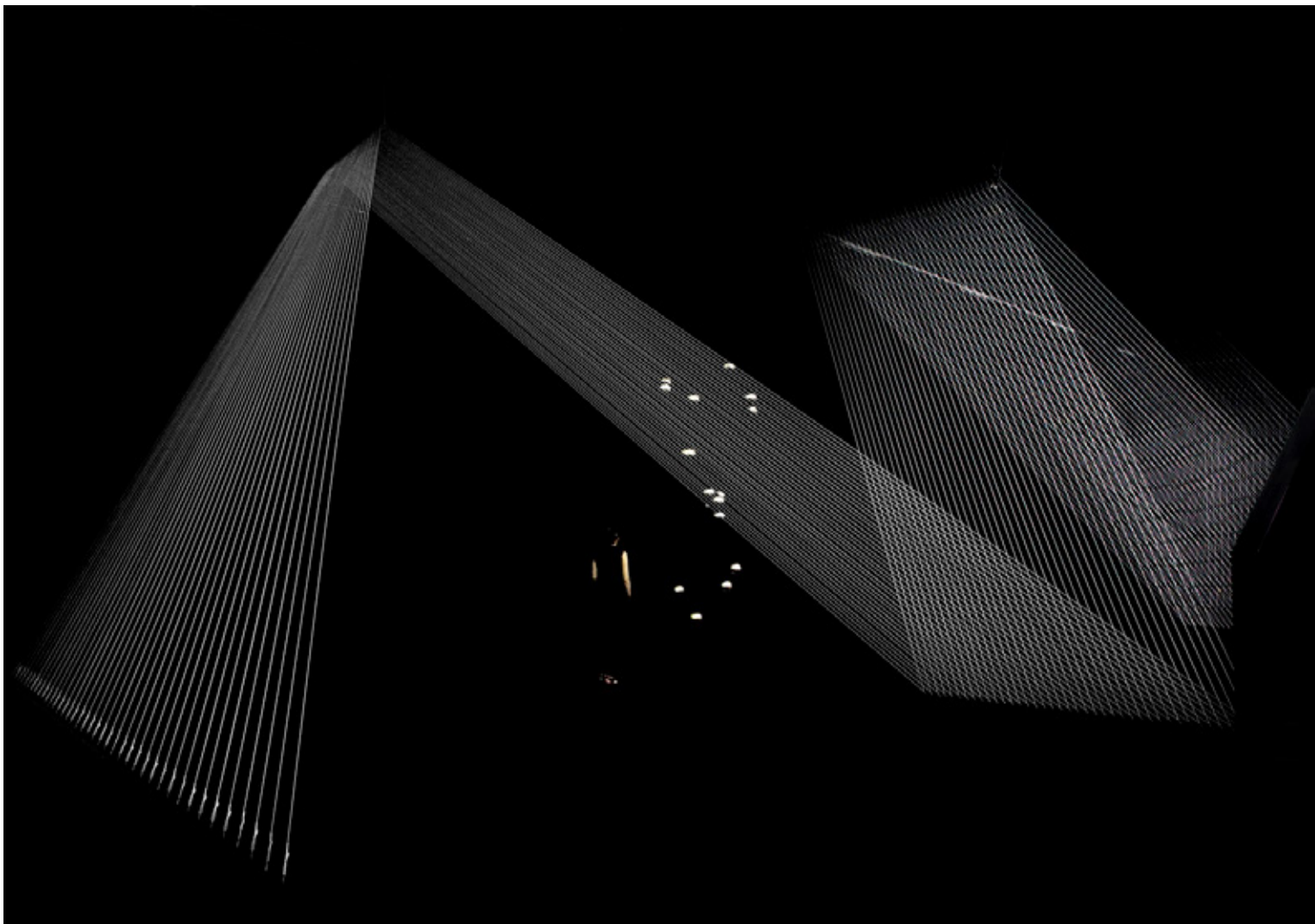
Rays (Orchestra), 2011
borracha, poliéster e aço
dimensões variáveis
foto © Guillaume Zicarelli



Rays (Pilane), 2014
borracha, poliéster e aço inoxidável
300 x 2200 x 200 cm
vista da exposição
Skulptur i Pilane, 2014
Pilane Heritage Museum,
Klovedal, Suécia
foto © Peter Lennby

→
Rays (Lautner), 2013
borracha, poliéster, aço
dimensões variáveis
Sheats-Goldstein Residence,
Los Angeles, Estados Unidos
foto © Joshua White





Rays (La Conservera), 2012
borracha, poliéster e aço
dimensões variáveis
vista da exposição
Rays, 2012
La Conservera, Murcia, Espanha
foto © Diane Arques

→
Model (Rays), 2014
47 x 114 x 47 cm
Compensado, carbono, madeira,
borracha e poliéster
vista da exposição
*SIMPLE FORMS: Contemplating
Beauty*, 2015
Mori Art Museum, Tóquio, Japão



architectones (2012-14) e studio venezia (2017)

Architectones é o nome dado à série de intervenções realizadas por Xavier Veilhan, entre 2012 e 2014, em sete edifícios icônicos do modernismo nos Estados Unidos e na Europa. Suas proposições *site specific* estabeleciam diálogos com as construções a partir de esculturas, performances, música, luz e outros elementos atmosféricos, que alteravam a percepção do público sobre o espaço. O projeto levou François Perrin, curador das sete exposições desenvolvidas, a alinhar Veilhan com outros artistas que têm atuado diretamente na arquitetura, como Gordon Matta-Clark e Daniel Buren.



vista da exposição
*Architectones, Sheats-Goldstein
Residence, 2013*
Sheats-Goldstein Residence,
Los Angeles, EUA
foto © Joshua White

→
vista da exposição
*Architectones, Case Study
House n°21, 2012*
Case Study House n°21,
Los Angeles, EUA
foto © Joshua White

→→
vista da exposição
*Architectones, Case Study
House n°21, 2012*
Case Study House n°21,
Los Angeles, EUA
foto © Joshua White







Podemos compreender que o elemento central dessa produção é o próprio corpo do público, pois é mediante suas sensações físicas que ele vai perceber e se relacionar com o espaço, a partir de seus objetos e limites, pois a arquitetura, na visão de Veilhan, é uma grande moldura “Tudo o que percebemos opticamente é uma frequência. Tudo o que ouvimos, também é frequência – não a mesma, mas, de todo modo, uma frequência. A arquitetura delimita fisicamente estas frequências. Os artistas, na galeria ou no museu, tem limites definidos, também pelas paredes. Para mim, há uma relação entre o domínio visual e o da arquitetura, assim como há entre o domínio sonoro e a arquitetura, em que vibrações oscilam ao redor.”

vista da exposição
Architectones, Unité d'habitation
Cité Radieuse, MAMO Audi talents
awards, 2012
Unité d'habitation Cité Radieuse
Marseille, França
foto © Florian Kleinefenn

→
vista da exposição
Architectones, Unité d'habitation
Cité Radieuse, MAMO Audi talents
awards, 2012
Unité d'habitation Cité Radieuse
Marseille, França
foto © Florian Kleinefenn



O nome do projeto é uma homenagem a Kazimir Malevich, que cunhou o termo Arkhitektonts para seus modelos tridimensionais de estruturas arquitetônicas em gesso, guiadas pelas preocupações formais e conceituais do Suprematismo. O trabalho teve início na VDL Research House (1932/1963), de Richard Neutra; ocupando, em seguida, a Case Study House Nº 21 (1960), de Pierre Koenig; a Sheats-Goldstein Residence (1963/1989), de John Lautner; o MAMO Cité Radieuse (1952), de Le Corbusier; à Saint-Bernadette du Banlay (1966), de Claude Parent e Paul Virilio; a Melnikov House (1929), do artista e arquiteto russo Konstantin Melnikov; e o Barcelona Pavilion (1929-1986), de Ludwig Mies van der Rohe. Em 2015, o projeto ganhou uma publicação editada pelo MOCA (Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles).



vista da exposição
*Architectones, Sainte-Bernadette
du Banlay Church*, 2013
Sainte-Bernadette du Banlay
Church, Nevers, França
foto © Diane Arques





Architectones sintetiza, mas não determina, a totalidade das possibilidades de atuação de Veilhan na intersecção entre arte e arquitetura. Outro exemplo é o aclamado projeto *Studio Venezia* (2017), que ocupou o pavilhão francês durante a 57ª Bienal de Veneza. Utilizando papelão, Veilhan construiu uma estrutura que servia como estúdio de gravação para musicistas. Todo dia um artista ocupava o espaço, não para realizar uma apresentação, mas para fazer experimentações livres, praticar músicas e, em ocasiões de êxito, gravações. Veilhan entendia a estrutura como uma forma ativada de escultura. Quando desativado, permaneciam os aspectos físicos e materiais do objeto, quando em funcionamento, tornava-se estúdio.

←
vista da exposição
Architectones, Barcelona
Pavilion, 2014
Barcelona Pavilion,
Barcelona, Espanha
foto © Florian Kleinfenn

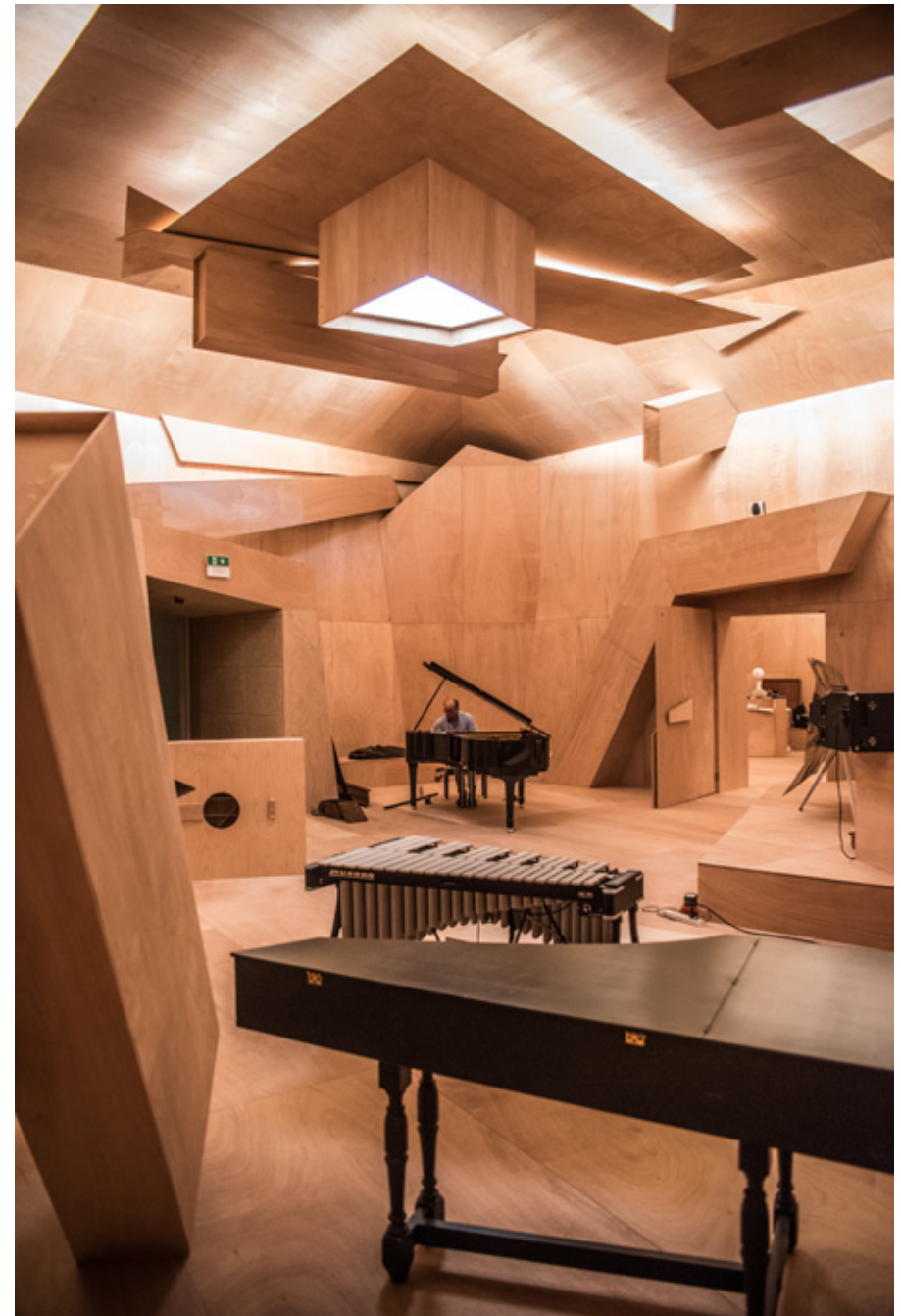
vista da exposição
Studio Venezia, pavilhão francês,
57ª Biennale di Venezia, 2017
Veneza, Itália
foto © Giacomo Cosua



Studio Venezia revela, ainda, outro elemento fundamental para o trabalho de Veilhan, a música. Segundo o artista: “A música tem papel central em algumas peças, onde coloco um ambiente visual a serviço de uma experiência sonora. No *Studio Venezia*, explorei as fronteiras entre diferentes domínios: exposição, prática musical, arquitetura e gravação. Estas são fronteiras em transformação.” A organicidade dessas fronteiras faz com que Veilhan compare o trabalho a um jardim “porque o jardim é um ambiente natural ainda que criado artificialmente onde as pessoas estão, simultaneamente, dentro e fora, como em uma pequena paisagem ou um mundo em si.”

←
vista da exposição
Studio Venezia, pavilhão francês,
57a Biennale di Venezia, 2017
Veneza, Itália
foto © Giacomo Cosua

vista da exposição
Studio Venezia, pavilhão francês,
57a Biennale di Venezia, 2017
Veneza, Itália
foto © Giacomo Cosua





desenhos e monotipias

“Desenhar é uma experiência muito alegre para mim. Fico feliz em sentar-me à minha mesa de desenho, que é meu lugar habitual no ateliê. Normalmente começo a trabalhar com uma ideia, mas às vezes a inspiração vem enquanto desenho.”

—Xavier Veilhan

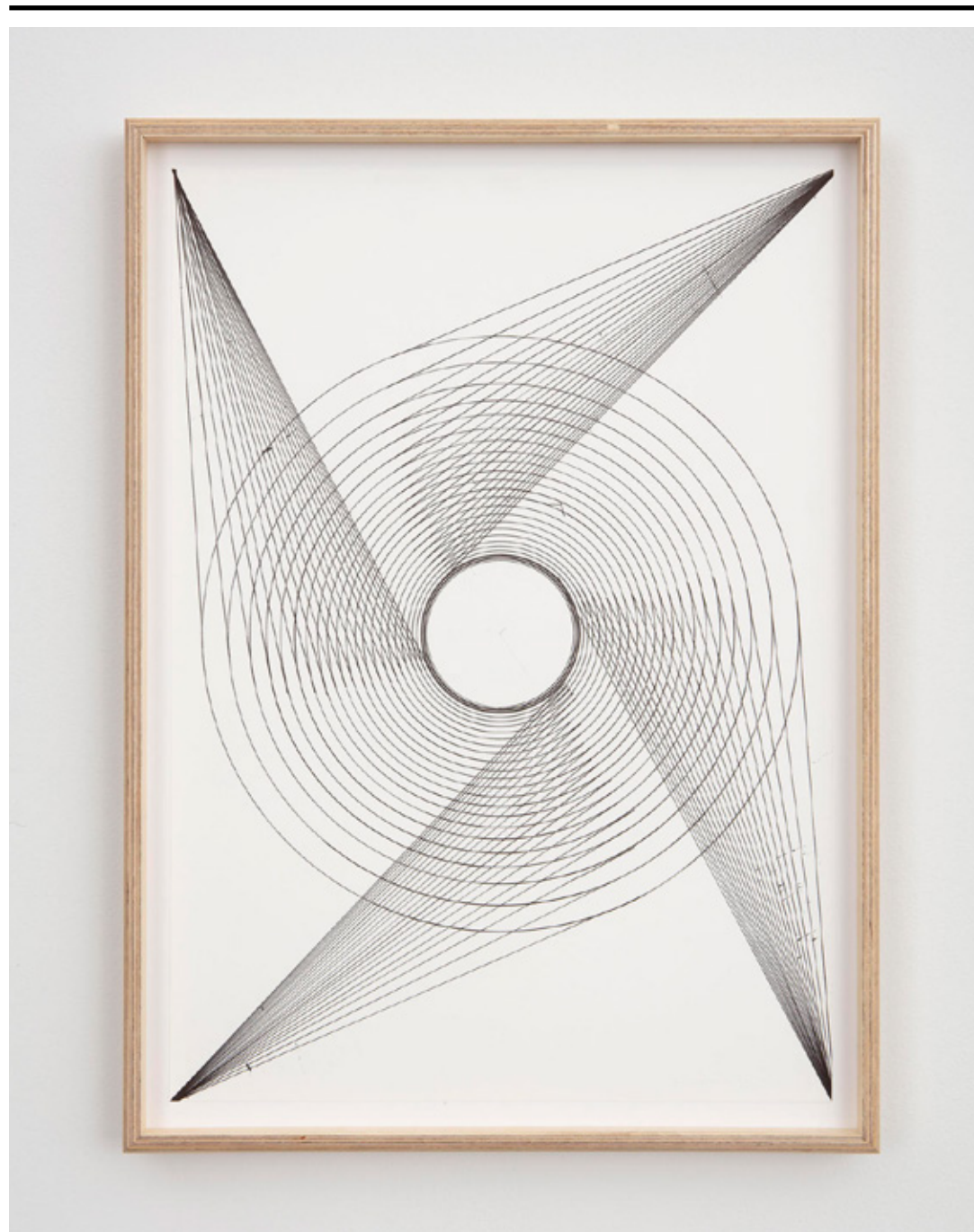
Buoy, 2020
tinta sobre papel
42 x 29,7 cm
foto © Kei Okano

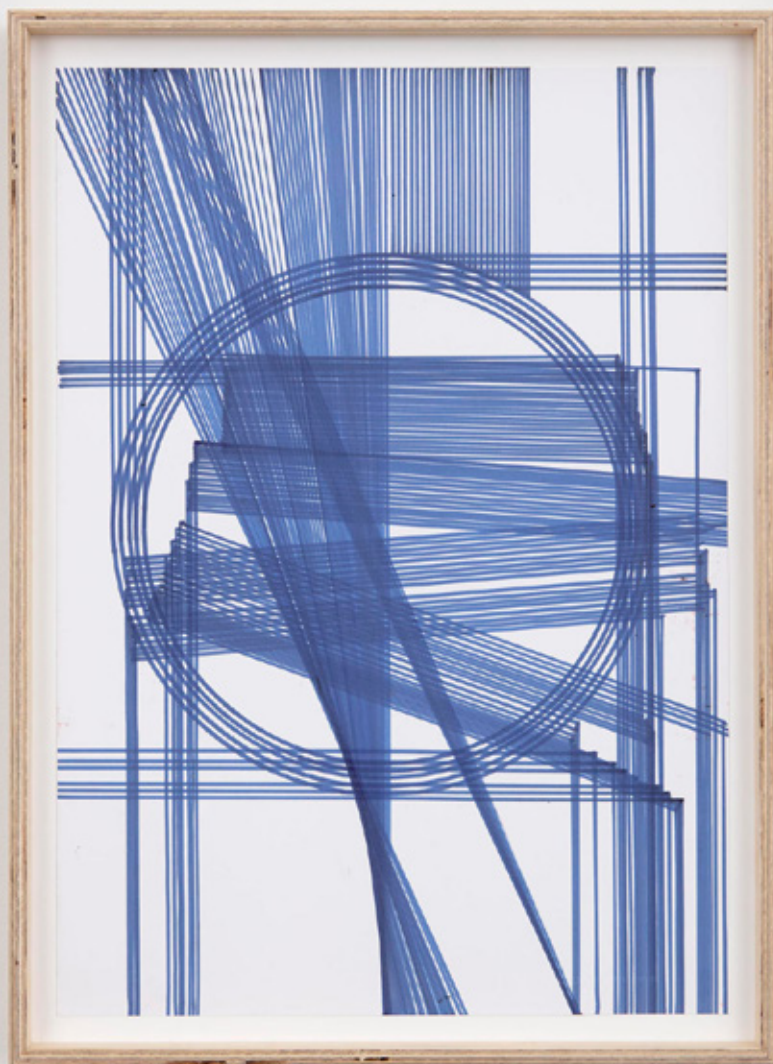
→
vista da exposição
Dessins de Confinement, 2022
Musée d'art Moderne de la Ville
de Paris, Paris, França
cortesia © Veilhan, ADAGP Paris,
2022 © Pierre Antoine



Em março de 2020, Xavier Veilhan passou a realizar desenhos diariamente, munido de régua e compasso. Suas composições prestam referências ao modernismo, em especial ao Futurismo e a Op Art, tendo em vista a dinâmica e os efeitos ópticos das linhas traçadas pelo artista. Ao todo foram feitos mais de trezentos desenhos, que evidenciam os procedimentos de sistematização, repetição, multiplicação e adensamento empregados por Veilhan em sua realização. Muitos desses desenhos foram reunidos na mostra individual *Dessins de confinement* (2022), no Musée d'Art Moderne de Paris, França, assim como na publicação *The Drawing Center – Today's Special – Lockdown Drawings 2020-2021*, editada pela Les Presses du Réel, em 2021.

Pulsion, 2020
tinta sobre papel
42 x 29,7 cm
foto © Guillaume Ziccarelli





O procedimento desenvolvido por Veilhan no período, de realização diária de desenhos, seguida de seu compartilhamento em redes sociais, remete ao protocolo executado no ano anterior em *Compulsory Figures* (2019), performance na qual, a cada noite, ele produziu desenhos de grande formato diante do público. Podemos ver, na gramática visual dos desenhos de Veilhan, a planificação de elementos que, usualmente, ele insere no espaço, como as linhas da série *Rays*, ou círculos que lembram as esferas de seus móveis. Articulando formas primárias, linhas e cores, Veilhan cria modelos visuais capazes de sintetizar os modos como a realidade ao nosso redor cria figurações. Nesse processo, Veilhan incorpora os erros e surpresas, deixando o acaso também tomar parte das composições.

Deep Blue, 2020
tinta sobre papel
42 x 29,7 cm
foto © Guillaume Ziccarelli

→
vista da exposição
Dessins de Confinement, 2022
Musée d'art Moderne de la Ville
de Paris, Paris, França
Cortesia © Veilhan, ADAGP Paris,
2022 © Pierre Antoine



modelos e maquetes

“Xavier Veilhan faz referência às vanguardas do século XX quando chama seus ‘exercícios construtivos’ de ‘modelos’ – objetos que experimentam o espaço, sem nenhuma finalidade. Para os arquitetos neovisuais da década de 1920, como Theo van Doesburg, os modelos eram uma maneira genérica de construir um espaço ‘potencialmente viável’. Os modelos de De Stijl são delicados, modulares, em estado de instabilidade, assim como os ‘modelos’ de Xavier Veilhan. A questão, aqui, é ir além de uma abordagem subjetiva da arte. Nesse contexto, o modelo é um objeto sem medida nem escala, o que nos permite acessar outra dimensão espaço-temporal”, revela a curadora Marie-Ange Brayer, de modo a concluir que: “O ‘modelo’ de Xavier Veilhan é, portanto, um objeto morfogenético, desprovido de status próprio, um objeto semanticamente rotativo, um ‘tensor’ do espaço-tempo que, como as facetas morfogenéticas de outros trabalhos, despedaça toda figuração e desaloja qualquer possível enraizamento.”

vista da exposição
Maquettes, 2014
FRAC Centre - Les Turbulences,
Orléans, França
foto © Diane Arques





Maquettes
Xavier
Veilhan

19/09/2014
22/02/2015

filmes e performances

Os filmes de Veilhan são imagens ordenadas sequencialmente, recusando uma narrativa linear, para criar um “cinema de situação”. *Le film du Japon* (2002), primeiro trabalho em vídeo do artista, já anuncia esse procedimento. A câmera registrava uma série de ações performadas por várias pessoas, com diferentes objetos, levando-nos a refletir sobre o estatuto da escultura na arte moderna e contemporânea. Veilhan, afirma que, em muitos de seus filmes, “meu ponto de partida é uma lista de ideias, sensações, referências e um pedaço de papel com alguns desenhos. Isso me permite ter uma visão geral do contexto, sem cronologia narrativa. Eu posso, então, criar e organizar uma as sequências na ordem que eu gosto.”



←

vista da exposição
Maquettes, 2014
FRAC Centre - Les Turbulences,
Orléans, França
foto © Diane Arques

Le film du Japon [detalhe], 2002
filme, cor, mudo
8'49"

Podemos entender seus vídeos como colagens de diferentes fragmentos que constroem uma narrativa próxima da memória, com seus lapsos e embaralhamentos. Ordenadas pela edição em um fluxo controlado, elas instauram um outro tempo, capaz de tensionar o presente cronológico a partir da arbitrariedade da sucessão de imagens. As lembranças do artista, inclusive, têm um papel fundamental na construção das cenas. “Essa relação com a memória me interessa”, afirma Veilhan. “Se eu mergulhar nas minhas memórias de infância, tenho flashes de lugares, paisagens, detalhes e assim por diante.” O passado evocado pode ser também de um objeto. *The Dreyfus Affair* (2010), por exemplo, foi feito a partir do filme homônimo de Méliès, filmado mais de um século antes, em 1899. Veilhan filma apenas algumas cenas, aquelas que corresponderiam aos dois rolos desaparecidos do filme original. “Eu queria restaurar esses momentos perdidos, tal como as zonas hachuradas de um afresco restaurado”. Veilhan, contudo, não se guia pela estética de Méliès, mas propõe sua própria versão, contemporânea, da narrativa. O resultado é um filme híbrido, a quatro mãos, que aproxima tempos, evidenciando suas diferentes estratégias de representação.





Matching numbers [detalhe], 2015
filme HD, cor
14'25"
foto © Stéphane Perche

Em outros casos, a edição serve como elemento de ligação entre espaços diferentes, como em *Matching Numbers* (2015), feito a convite da Ópera de Paris, em que Veilhan conecta, com suas imagens, as casas de ópera de Garnier e Bastille, em Paris, explorando os elos entre ambos espaços, ou em *Cruiser* (2005), em que paisagens conectadas na tela, evocam uma visão contemplativa da natureza. Em *Vent Moderne* (2015), Veilhan aborda a vida e obra do arquiteto Robert Mallet-Stevens. Sobre este último, a diretora e roteirista francesa Laetitia Masson escreveu:

“Este não é um filme. É cinema.
Não existe história. Existem memórias.
Não existe linearidade; mas colisões
entre períodos.
Não existem atores; mas um coletivo.
Não existe figurino. Existem macacões,
blackouts e papelão.
Não existem cenários. Existe a arquitetura.”

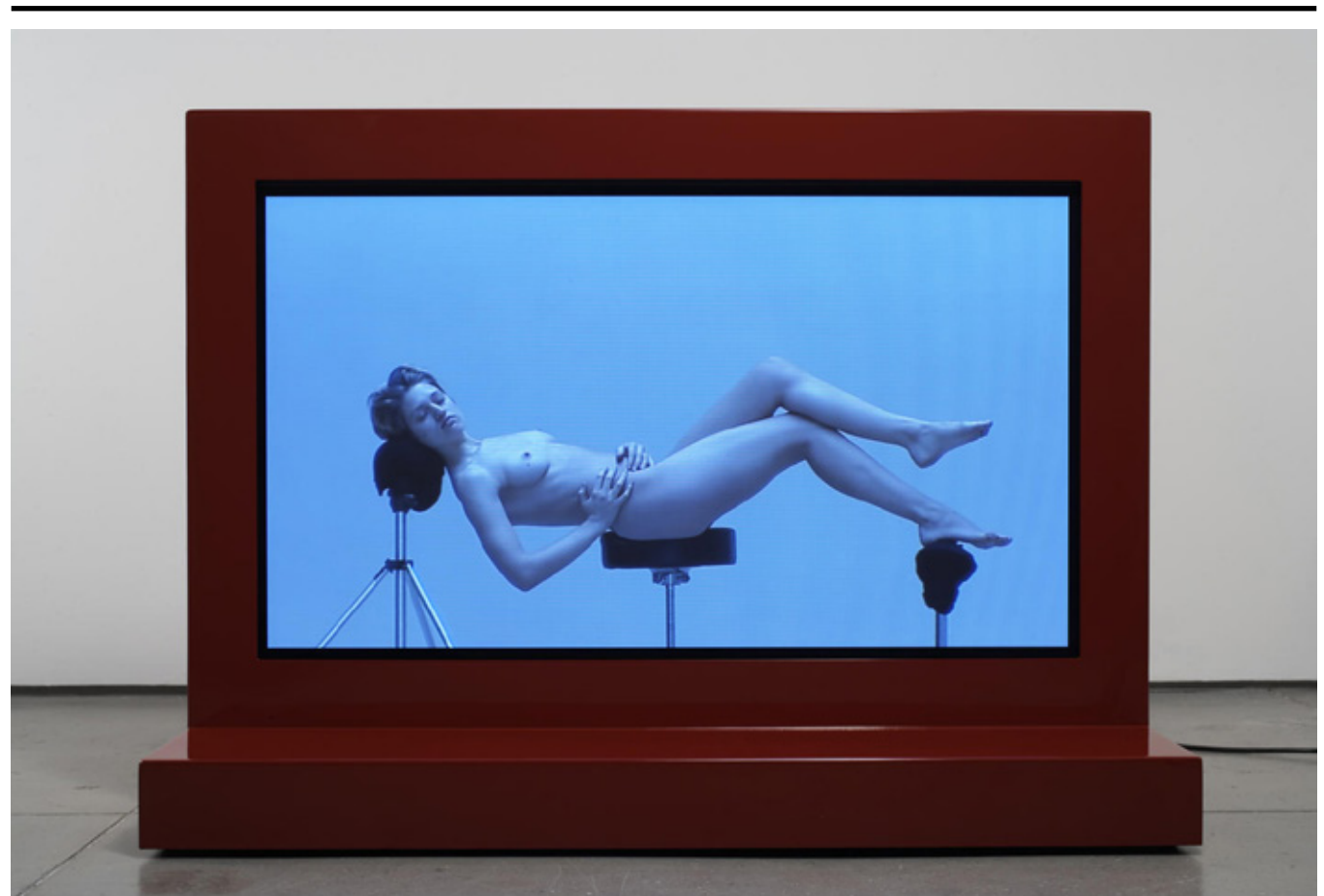
→
Matching numbers [detalhe], 2015
filme HD, cor
14'25"
foto © Stéphane Perche

→→
Vent Moderne [stills], 2015
filme HD, preto e branco
27'38"
foto © Stéphane Perche





Apesar de Masson se referir especificamente a *Vent Moderne*, podemos estender esses princípios para outros filmes, como *Keep the Brown* (2003), *Drumball* (2003) e *Radiator* (2008). “Nos meus filmes, a câmera narra a ação conforme ela acontece; acompanhando-a. Há muito pouco zoom e movimento, porque é a ação que prevalece e guia a câmera e não o contrário.” Os vídeos de Veilhan são imagens *em movimento* e *de movimentos*, pois é a ação, os gestos, os ritmos e dinâmicas das relações entre corpos e espaços, que estrutura a narrativa.



Drumball [detalhe], 2003
filme, cor, mudo
8'33"



Radiator [detalhe], 2008
filme, cor
7'14"
foto © Studio
Xavier Veilhan



Um dos aspectos centrais da prática de Veilhan, percebe-se, é a performance. O artista compreende seus trabalhos como espaços sensoriais que permitem aos observadores uma liberdade perceptiva e reflexiva, tornando-se, eles mesmos, atores nesse cenário construído. Veilhan, aborda a performatividade do público nos espaços, assim como propõem ações para ele. Muitas vezes, estas ações associam-se à apresentações musicais, denotando a importância do som na prática de Veilhan, como em *Val de Marne* (2006), em comemoração do aniversário do MAC VAL, quando o artista associou a coleção do museu a um concerto de Sébastien Tellier, cantor e compositor que também colaborou com o artista em *Nuit Blanche - Ville nouvelle* (2006), nos jardins do Hôtel de Ville de Paris.

Compulsory Figures, 2019
performance
foto © Diane Arques

Em *Aérolite* (2007), feito por ocasião da exposição *Airs de Paris*, no Centre Pompidou, Veilhan convidou a banda Air para tocar para o público em um cenário construído por ele com objetos e estruturas ativadas por performers. Já em *Nuit Blanche-Boucle* (2006), patinadores no gelo, vestidos de preto, percorriam um ringue de patinação aos pés do Arco do Triunfo, no carrossel do Louvre, à noite, realizando formas com o traçar das lâminas dos patins sobre o gelo. *SYSTEMA OCCAM* (2013) é uma proposição visual para as delicadas composições de Éliane Radigue para harpa.

→
Performance para OCCAM I,
composição para Harpa
de Éliane Radigue, executada
por Rhodri Davis
vista da exposição
Systema Occam, 2013
MAMO Cité Radieuse,
Marseille, França

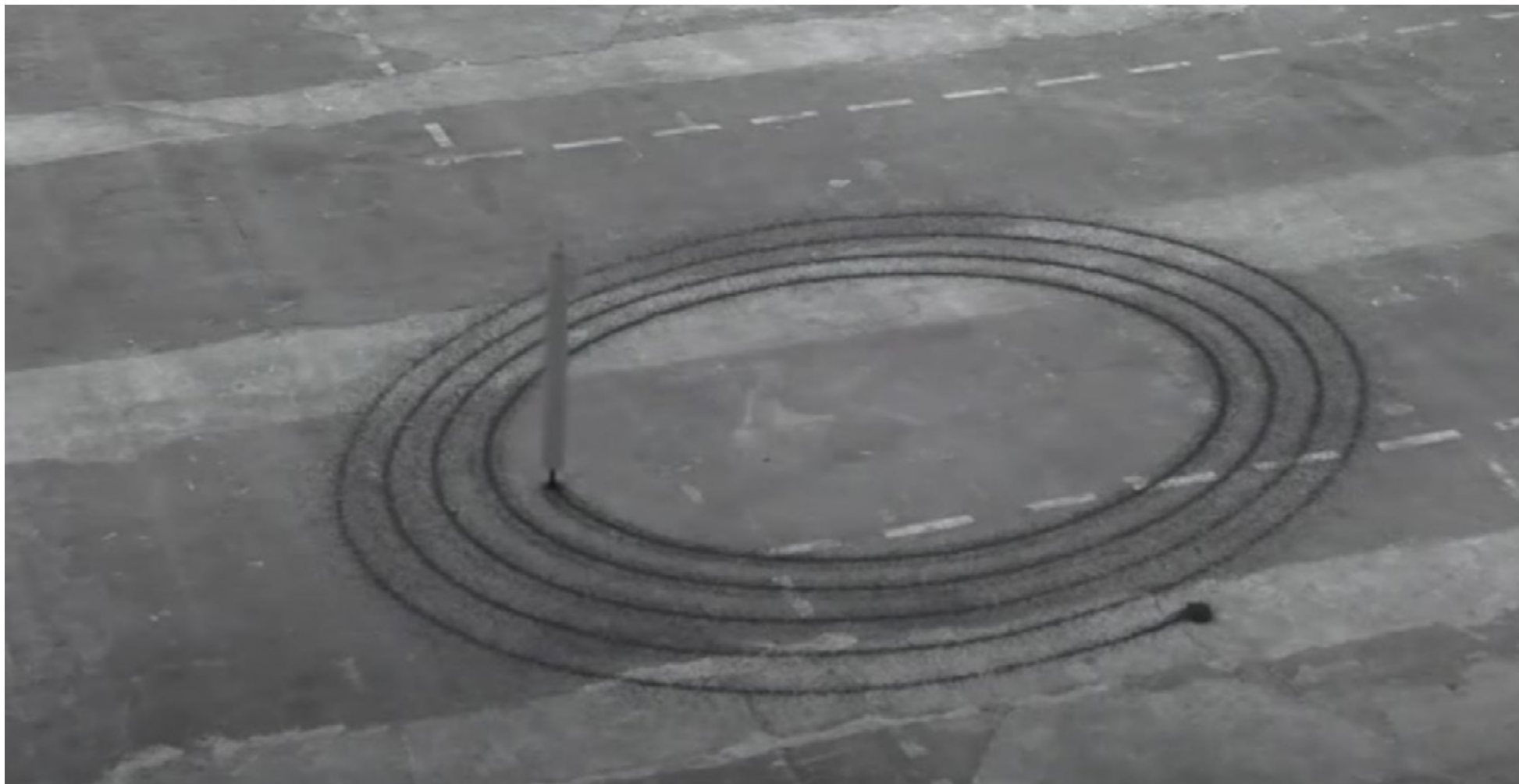
→→
Boucle, 2006
performance em colaboração
com Alexis Bertrand
vista da exposição
Nuit Blanche, 2006
Carroussel du Louvre, Paris, França

Aérolite, 2007
performance
vista da exposição
Airs de Paris, 2007
Centre Pompidou, Paris, França
foto © Florian Kleinfenn









Pendule Dripping [detalhe], 2011
filme HD, cor, mudo
2'30"



As performances de Veilhan são, por fim, proposições complexas que envolvem arquitetura, escultura, música e ação, levando-nos a observar o modo como esses diferentes elementos se integram na construção de uma experiência imersiva em que, acima de tudo, o nosso próprio corpo é chamado a ser o protagonista. Nesse sentido, o artista possui atuação interdisciplinar, atuando na direção de arte de espetáculos e desfiles de moda. Exemplar, nesse sentido, são as estruturas construídas para os desfiles da Chanel em 2022, chegando, inclusive, a dirigir pequenos vídeos, estrelando Charlotte Casiraghi e com trilha sonora de Sébastien Tellier.

*Chanel, Charlotte Casiraghi
monte à cheval dans le décor
créé par Xavier Veilhan, 2022
foto © Ola Rindal*







CHANEL Fall-Winter
2022/2023 Haute-Couture
Collection, July 5, 2022
foto © CHANEL

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art